

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Julia de Souza Bermond

**HISTÓRIA NO CINEMA:
O FILME AMNÉSIA E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO HISTÓRICA**

**JUIZ DE FORA
2019**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Julia de Souza Bermond

História no Cinema:
O filme Amnésia e sua relação com a Educação Histórica.

Monografia de licenciatura apresentada à Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção de título de licenciada em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Yara Alvim

Juiz de Fora
2019

Julia de Souza Bermond

**História no Cinema:
O filme Amnésia e sua relação com a Educação Histórica.**

Monografia de licenciatura apresentada à Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção de título de licenciada em História.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Yara Cristina Alvim

Prof. Dr. Anderson Ferrari

Juiz de Fora
2019

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles amigos que permaneceram comigo até o final dessa jornada tão cheia de alegrias e sorrisos, mas, ao mesmo tempo, de tristeza e confusão. Sem vocês meu crescimento enquanto ser humano e enquanto professora de História não estaria nem um pouco completo. Desejo toda a felicidade para vocês, assim como proporcionaram para mim durante esses quatro anos e meio.

Também gostaria de agradecer o Centro de Conservação de Memória (CECOM) da UFJF, onde me coloquei como bolsista por dois anos. Além de proporcionar amizades duradouras, o conhecimento que adquiri enquanto trabalhava na área de patrimônio histórico, mais especificamente de arquivos relacionados à história do movimento estudantil da UFJF, foram também essenciais na minha formação em História, além de revelar-se como algo que amo fazer e espero um dia continuar a realizar.

Além disso, gostaria de agradecer toda a UFJF, professores, funcionários e outras instâncias que formam esta faculdade, trabalhando constantemente para que nós, alunos, possamos aproveitar o máximo de nossa formação. Desejo sempre que esta universidade, que considero uma de minhas casas, continue a crescer e a melhorar mais a cada ano que se passa.

Em especial, gostaria de agradecer também a minha orientadora, Yara Alvim, por sempre estar disposta a ajudar durante todo o processo de construção desse trabalho, atendendo sempre que era possível. Assim como também gostaria de agradecer o professor Anderson Ferrari, por se disponibilizar a ler e analisar essa monografia.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer profundamente meus pais e meu irmão, que tiveram confiança e esperança em mim, proporcionando grande parte de minhas finanças responsáveis por me manter em outro Estado e cidade. Sem vocês essa jornada toda não seria possível. Novamente, muito obrigada por proporcionarem à sua filha essa experiência inigualável na vida.

RESUMO

A relação que se tem entre Cinema e Educação é longa e ainda hoje provoca inúmeros debates. Contudo, se tem um consenso entre os pesquisadores da área de que o filme se mostra como uma ferramenta significativa no processo de aprendizado do estudante, dependendo de como se utilize do mesmo. Sendo assim, este presente trabalho pretende se utilizar do filme “Amnésia”, do diretor britânico Christopher Nolan, como ferramenta no processo de aprendizagem em História. Buscamos analisar três noções que envolvem a produção do conhecimento histórico escolar, a saber: os conceitos de Memória e de Tempo e a dimensão da Fonte Histórica. Buscaremos explorar as possibilidades de desenvolver tais noções a partir do filme, objeto da presente pesquisa. .

Palavras-chave: Filme, Ensino de História, Tempo, Memória, Fonte histórica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. PROBLEMATIZAÇÕES ENTRE O CINEMA E O ENSINO DE HISTÓRIA	11
2. O FILME AMNÉSIA E SUAS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS.....	14
2.1. MEMÓRIA.....	16
2.2. TEMPO.....	19
2.3..FONTES.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	28

Introdução

O presente Trabalho de Conclusão de Curso pretende utilizar o filme *Amnésia* (No original: *Memento*, 2000) do diretor britânico Christopher Nolan, como principal fonte na elaboração de questões que buscam colocar em diálogo a História, seu ensino e alguns dos pontos trabalhados pelo enredo da película, pontos esses que conversam diretamente com temáticas históricas. Tal processo busca possibilitar, por parte dos estudantes em sala de aula, o desenvolvimento de uma consciência histórica e do conhecimento de tópicos referentes à constituição da História como uma Ciência. Assim sendo, o objetivo principal deste trabalho é relacionar aspectos teóricos produzidos acerca do tema (História e Cinema), sua relação com a temática da Educação e os pontos elencados para o aprendizado dos alunos na interseção entre a película e a disciplina histórica, sendo eles Memória, Tempo e Fonte Histórica.

O Cinema é fruto da sociedade em ebulição do fim do século XIX. O mesmo nasce e se desenvolve como um fruto do capitalismo, quando o mesmo já se mostra bem desenvolvido em grande parte da Europa, constituindo-se assim como um produto de massa logo em seus primeiros anos. Desde então, o Cinema marcou grande parte da vida do século XX e ainda é presença constante no mundo no século XXI. Ao longo desses mais de cem anos, histórias e enredos infinitos foram contados e recontados pelas lentes dos mais distintos cineastas em todas partes do mundo, gerando inúmeras interpretações, mensagens, visões de mundo e da vida. As mais diversas narrativas sobre os seres humanos ao longo de milhares de anos de sua existência, seus feitos, sua vida, suas criações e revoluções fazem parte do longo leque de possibilidades de enredo para a produção de filmes. Sendo assim, a História se torna uma das principais fornecedoras de histórias para o Cinema e o mesmo, assim como a História, também acaba valorizando e trabalhando com questões referentes à construção da História. Segundo Marcel Martin, “a dominação absoluta que o cinema exerce sobre o tempo é um fenômeno inteiramente específico. Ele não apenas o valoriza, mas também o subverte: transforma o fluido irresistível e irreversível que é o tempo em uma realidade totalmente livre de qualquer constrangimento exterior - a duração” (2011, p. 224). O tempo no cinema (a montagem, sua influência no enredo e como o diretor o trabalha na narrativa, etc), assim como na História, também pode se tornar protagonista de uma obra cinematográfica, muitas

vezes ofuscando o próprio enredo da trama. Sendo assim, existem diversas possibilidades de se trabalhar e interpretar o Cinema no seu relacionamento com a ciência histórica.

Considerando-se então os aspectos da narrativa - que trabalha com a ausência de memória e dúvidas acerca da própria identidade, assim como problemáticas com o uso e conceito de tempo - esta monografia pretende utilizar três pontos para servirem de base no desenvolvimento do aprendizado em História: questões acerca da memória (e suas implicações tanto na História quanto principalmente na formação da identidade pessoal e coletiva), trabalho com fontes históricas na construção do saber histórico (levando-se em conta principalmente a utilização de fontes para a formulação do conhecimento sobre a história, construção essa que vem sendo reivindicada como essencial de se trabalhar em sala de aula no que tange ao estudo e compreensão da História como uma ciência) e questões acerca das temporalidades na História e da consciência histórica. Analogias entre a construção do filme e a ciência histórica, assim como a influência e o diálogo que a História possui com a sociedade, no mundo moderno e na vida dos estudantes, serão realizadas no intuito de proporcionar um melhor aprendizado.

Partindo-se da premissa de que “A História é, por pressuposto, debate, divergência dos pontos de vista, problematização, pesquisa, diálogo com as fontes de informação e não mera descrição do que foi informado como se aquilo correspondesse à verdade. (...) (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2010, , p. 13) o objetivo final deste trabalho foi o de tentar contribuir para a formação dos alunos de acordo com as mais recentes discussões a respeito do aprendizado da História, referentes, por exemplo ao desenvolvimento da consciência histórica, de conceitos relacionados ao tempo e das peculiaridades da memória na formação do sujeito enquanto indivíduo em sociedade e na assimilação e compreensão acerca da História.

A utilização dessas categorias como forma de conhecimento útil e necessário na vida do estudante de História se faz com a consciência de que é por meio da História que podemos entender acerca das complexidades que envolvem as memórias discrepantes a respeito de um fato, quando este provoca acaloradas discussões públicas e políticas; é fundamental que se entenda as complexidades e peculiaridades que rodeiam a categoria de Tempo, tão presente na nossa vida, para também posteriormente chegar a desconstruir a ideia de que o mesmo é imutável e sentido da mesma forma, sempre, por todo o mundo. Além disso, na nossa sociedade ocidental, tão pautada pela ciência, é de grande relevância que se aprenda também as formas da História enquanto ciência de se construir, seu conjunto de regras, métodos e preceitos, pois como já dizia Marc Bloch, “uma sociedade que pretende respeitar as ciências

não deveria se desinteressar de suas ferramentas” (BLOCH, 2002, p. 82). Portanto, é por esses e outros pontos que podemos perceber a influência dessas categorias históricas no nosso dia a dia (conseqüentemente, no do aluno), categorias essas que são consideradas por diversos pesquisadores modernos de grande importância no processo de aprendizado da disciplina de História em sala de aula. Sobre isso, Joaquin Prats afirma que:

É importante que a História não seja para os estudantes uma verdade acabada ou uma série de datas e valores que se deve aprender pela memorização. É imprescindível que a História seja trabalhada nas aulas incorporando toda a sua coerência interna e oferecendo as chaves para o acesso a sua estrutura como conhecimento científico do passado. (PRATS, 2006, p 10)

Trazendo o filme como uma possibilidade de aprendizado, esta proposta também visa demonstrar a existência de várias possibilidades de ensino e aprendizagem em História, precisando em muito dos casos somente que o professor se inquirir acerca das diversas “historicidades” que possui ao seu redor e que estejam presentes também, de alguma forma, na vida de seu estudante. Dito isso, é de grande importância frisar o caráter essencial da participação do professor na construção do conhecimento proporcionado pelo filme, já que a película por si só, na grande maioria dos casos não proporciona (ou melhor, não possui como intenção primária de proporcionar) um conhecimento e debates profundos acerca de determinado assunto encarado pelo professor como essencial na construção da aprendizagem histórica dos alunos, sendo a interferência do mesmo fundamental no direcionamento e na articulação do conhecimento, principalmente no que tange ao aprendizado no Ensino de História.

Muitos educadores acreditam ser possível ensinar História por meio do cinema, entendendo que essa arte pode contribuir, e muito, para o ensino, promovendo a interação dos alunos e discussões sobre o passado e fatos históricos. No entanto, não se pode pensar, de forma ingênua, que apenas assistindo a um filme, e repassando-o aos alunos, o professor estará apto para tratar e discutir sobre o assunto em questão. É preciso, antes de tudo, estabelecer um objetivo, geral ou específico, planejar e estruturar o que se quer fazer e o que se deseja alcançar por meio do filme. Apresentar, passar um filme é e deve ser entendido como uma aula, devendo, da mesma forma, haver planejamento, estudo prévio e objetivo preciso. (FRIEDEMANN, 2013, p.3)

Como afirma Júlia Silveira Matos, “não é a disciplina de História que contribui para a formação do sujeito pensante, mas o professor de História que apresenta, reelabora e propõe saberes históricos de forma que estes instrumentalizem seus alunos na arte de pensar”

(MATOS, 2017, p. 214). Não é simplesmente a disciplina da História que contribui para a formação do sujeito pensante, mas sim o professor de História e sua ação em sala de aula, que apresenta, reelabora e propõe os saberes históricos.

Por fim, vale dizer que escolha pelo tema deveu-se principalmente à afinidade, carinho e interesse que possuo tanto com a Sétima Arte e as incontáveis possibilidades e desdobramentos de conhecimento que um único filme pode possibilitar ao seu espectador quanto com a Educação, já que as disciplinas cursadas ao longo do curso de História proporcionaram grandes discussões e uma vasta aquisição de conhecimento, o que acarretou numa considerável mudança em como enxergo a Educação e em mim mesma, enquanto futura profissional que pretende algum dia atuar na área.

1. Problematizações entre o Cinema e o Ensino de História

O Cinema (mais amplamente, o audiovisual) está presente no cotidiano juvenil, influenciando fortemente sua cultura (SOUZA, 2014) e as interações sociais entre seus próprios pares. Como nos dizem Souza e Soares (2013)

Como a sociedade atual faz constante uso da imagem, seja ela fotográfica, seja televisiva, seja cinematográfica, entre outras, o aluno está de certa maneira ambientado com a utilização da imagem na apropriação de informações e conhecimento da realidade e do mundo. Assim, a disciplina de História pode se utilizar do cinema como recurso para possibilitar reflexões sobre o conhecimento histórico, uma vez que estamos inseridos nesse contexto de ambiência tecnológica, onde o uso da imagem está cada vez mais comum. (p. 4)

Estudos acerca da utilização do cinema no ensino e aprendizagem de História se proliferaram fortemente a partir da década de 1980 em diversas partes do mundo (inclusive no Brasil). Questões acerca do desenvolvimento da consciência histórica também foram uma constante em pesquisas relacionadas ao Ensino de História (SCHMIDT & URBAN, 2016), sendo que ainda hoje essa temática possui considerável capilaridade nas pesquisas relacionadas ao tema. Considerado de grande importância na aprendizagem da consciência histórica, temáticas como memória, passado, esquecimento, tempo, história e sociedade, além da construção do conhecimento em História (como ciência), são encarados como parte do desenvolvimento da percepção das variadas camadas de História que permeiam a vida e o estudo do aluno.

Ao se pensar Cinema e História e observar a dinâmica na qual esses dois pontos se conectam em sala de aula, chega-se à conclusão de que a esmagadora maioria dos filmes exibidos durante as aulas de História são os filmes ditos históricos, ou seja, filmes que possuem seu enredo ambientado em épocas passadas, seja a história ficcional ou baseada em algum acontecimento histórico real. Na imensa maioria dos casos, passa-se o filme com intuito de ilustrar o passado que está sendo aprendido em sala de aula: como ocorreu a queda da Bastilha, como eram as torturas na Ditadura ou como eram as roupas dos camponeses medievais, para citar alguns exemplos.

No que tange à utilização do filme como uma ilustração, diversos pesquisadores criticam tal abordagem, já que o filme é produto de sua época, sendo assim, enxerga e reproduz o passado de acordo com seus desejos e visões sobre o mesmo. Desse modo, a

busca da passível verdade acerca de acontecimentos históricos ou a utilização de suas imagens como ilustrações fiéis do passado deve ser passível de contestação. Dessa forma, o filme se apresenta como um recurso secundário no processo de aprendizagem, centrado principalmente no livro didático ou no quadro escrito. Ou ainda, em alguns casos, como afirmam Souza e Soares:

Existem flagrantes do uso de filmes históricos em ambientes escolares com a pretensão de divertir e entreter os estudantes, bem como forma de apenas preencher os espaços no planejamento didático. Essas atitudes produzem no educando efeitos de desestímulos e recuo do senso crítico. As despreocupações com as técnicas corretas para o uso de tal ferramenta trazem implicações negativas para o alcance dos objetivos propostos no estudo de História. (SOUZA, SOARES, 2013. p. 6)

Contudo, deve-se frisar que existem diversas possibilidades de se utilizar o filme em sala de aula além de uma simples ilustração do passado, modo esse que possui diversas críticas por parte dos estudos que elencam Cinema e Ensino de História. Para Edineide Dias de Aquino,

Existem três possibilidades básicas de relação entre história e cinema: O cinema na História, a História no cinema e a História do cinema. O cinema na História é o cinema visto como fonte primária, sendo assim é passível a investigação historiográfica, no entanto a história no cinema é abordado num contexto meramente como produtor de ‘discurso histórico’ e como ‘intérprete do passado’ e, por fim, a História do cinema que enfatiza o estudo tecnológico da linguagem cinematográfica e condições sociais de produção e recepção de filmes. (AQUINO, 2008, p. 05)

No que tange aos estudos relacionados à educação, pode-se notar que os dois primeiros pontos são os mais bem observados: o Cinema na História, buscando perceber como um filme retrata questões sobre a época na qual foi produzido, servindo assim de fonte histórica na análise e compreensão de um determinado momento histórico (levando em conta questões acerca da consciência histórica dos estudantes e sua capacidade de encarar o cinema como fonte histórica acerca do passado) e principalmente a História no Cinema, buscando trabalhar como o passado é ressignificado pela lente dos cineastas, sendo esse passado uma das principais bases formadoras (para considerável parte da população e conseqüentemente dos alunos), sobre o que seria e como teria de fato sido o passado.

Sendo assim, levando em conta que Souza (2010) diz que “a história está presente no Cinema de diversas maneiras e pode ser abordada por vários ângulos” (SOUZA, 2010, p. 27), este trabalho, apesar de se diferenciar dos estudos mais disseminados acerca do assunto,

acredita que a História certamente pode ser encontrada e abordada em filmes em que o enredo não se desenvolve no passado, seja esse passado ficcional ou não. Como afirma Souza, “um filme diz tanto quanto for questionado, ampliando as suas possibilidades enquanto ferramenta pedagógica, o que faz com que uma obra fílmica sirva para discussão de várias questões” (SOUZA, SOARES, 2013. p.5). Sendo assim, ao contrário do que foi e é amplamente utilizado quando se articula a História e o Cinema em sala de aula, este Trabalho de Conclusão de Curso procura trabalhar especificamente com uma película que não possui história nem enredo desenrolados no passado, além de buscar colocar o filme como algo central no processo de aprendizagem e não secundário, lugar onde ocupa com frequência não só na disciplina de História, mas nas escolas como um todo.

Situada na nossa sociedade moderna, *Amnésia* (2000) nos conta a história de Leonard, um homem que sofre de uma condição chamada *amnésia anterógrada*, o que acarreta na sua impossibilidade de formar memórias de eventos recentes. Tal fato ocorre após sofrer um acidente no banheiro de sua casa, enquanto tentava salvar sua mulher de estupradores que invadiram o lugar onde residia. Contudo, o mesmo não obtém êxito, o que faz com que sua mulher seja morta pelos criminosos. Desde então, por meio de subterfúgios e ferramentas, o personagem principal busca sempre se lembrar de que possui uma missão: capturar e assassinar aquele que teria tido parte na morte de sua falecida esposa. O filme nos permite abordar questões acerca da memória, esquecimento, identidade, tempo, verdade, etc. É por meio dessas temáticas enxergadas por lentes da sua relação com a História que esse trabalho se desenvolverá.

2. O Filme *Amnésia* e suas possibilidades pedagógicas

Como já explanado anteriormente, o filme tem seu enredo ambientado nos dias de hoje, tendo como protagonista um ex-investigador de pedidos de seguro de nome Leonard Shelby (Guy Pearce), que possui uma condição muito especial chamada de *Amnésia Anterógrada*, que o impede de criar e armazenar novas memórias. Sendo assim, apenas alguns segundos após conhecer uma pessoa ou um novo lugar, o mesmo se esquece completamente destes, precisando com isso de artifícios para que consiga se lembrar de toda novidade que perpassa seus sentidos. Para isso, Leonard se utiliza de diversas tatuagens por todo seu corpo e fotos polaroid, onde anota informações sobre as pessoas e lugares que busca manter algum vínculo futuro. O motivo de tais precauções (“remédios contra o completo esquecimento”), contudo, não é simplesmente parte de artifícios usados para lembranças comuns do dia a dia. Leonard o faz prioritariamente para se recordar de informações que reuniu ao longo dos anos sobre o assassinato de sua esposa. Segundo Leonard, a mesma teria sido estuprada e morta por dois bandidos. Leonard, ao dar-se de cara com a cena, tenta impedir que tal situação se prolongue, mas acaba sendo atacado por um dos bandidos e em seguida é empurrado contra um espelho, no qual bate sua cabeça, adquirindo com isso uma lesão profunda e sua posterior amnésia.

O que motiva o caminho de nosso personagem principal durante todo o filme é a captura e assassinato de um dos criminosos que mataram sua esposa no passado. Contudo, segundo o próprio inquérito policial sobre o caso, haveria somente um assassino e não dois, como Leonard sempre afirmava. Sendo assim, oficialmente, o crime é dado como solucionado. Não obstante, Leonard não consegue ficar satisfeito com tal resposta dada pelos oficiais, o que faz com que o mesmo empreenda uma “caçada” ao outro homem, recolhendo informações e se condicionando, através do hábito, a observá-las sempre que possível.

O que diferencia muito essa película das demais é que, ao contrário da grande maioria dos filmes, sua montagem faz com que a mesma se distancie da comumente e frequentemente usada montagem de início, meio e fim bem delimitados. Basicamente, o filme possui duas “linhas temporais”: uma em preto e branco, linear, que Leonard se encontra no seu quarto de motel, onde nos é relatada, pela narração de Leonard, a história de Samuel “Sammy” Jankis (Stephen Tobolowsky). Sammy possuía a mesma condição de Leonard, o incapacitando quase que completamente de realizar ações mais complexas do dia a dia. Sendo assim o dia inteiro de Sammy era em frente a televisão, observando pequenos comerciais, os únicos capazes de fazer com que sua memória formasse lembranças concretas. A outra linha

temporal é apresentada por cenas coloridas e ocorre como se fosse de “trás para frente”. Foca-se basicamente em Leonard indo atrás do assassino de sua esposa e sua relação com Natalie (Carrie-Anne Moss), namorada de um traficante de drogas que teria sido enganado por Teddy (Joe Pantoliano), policial disfarçado, que também está presente na jornada de Leonard durante todo filme, o auxiliando em sua jornada em determinadas ocasiões. Ao final do longa, descobrimos que ambos se utilizam da condição de Leonard para usá-lo em seus objetivos particulares: Natalie, para vingança pessoal e Teddy, para serviços “extra-oficiais” (assassinato de criminosos).

Ambas as linhas temporais se intercalam no filme. A trama inicia-se com um assassinato – que depois descobrimos se tratar de Teddy, o qual é morto por Leonard com uma arma de fogo –, “voltamos no tempo” com cenas que terminam no início da cena anterior que, cronologicamente falando, acontecera depois. As cenas em preto e branco, lineares, cronologicamente pertencem ao fim do filme, logo antes do assassinato de Teddy, que cronologicamente se colocaria no encerramento da película. Desse modo, percebe-se como a narrativa se apresenta de maneira confusa e necessitada de considerável atenção do telespectador para que a entenda.

Contudo, é importante frisar que não é o objetivo principal e final que o aluno chegue a entender o filme por completo na primeira vez que o assistir, já que seu enredo não será trabalhado de forma inteira e explícita, mas sim de uma maneira mais metafórica e por meio de exemplos, assim como no limite de sua relação com a disciplina histórica.

Diante do enredo apresentado, elaboramos cerca de três temas discutidos atualmente como importantes no processo de aprendizagem histórica do estudante. Esses três pontos, já explicitados anteriormente, são questões vinculadas aos conceitos de Memória e de Tempo e às noções de Fontes na História. Partes da obra serão utilizadas e ressignificadas à luz do aprendizado histórico, levando em conta também a experiência do aluno em seu dia a dia com a História como fundamental na construção das discussões que se utilizam do filme como principal fomentador, já que buscamos demonstrar como a História se mostra constantemente presente na vida do estudante.

2.1 Memória

Leonard é um homem incapacitado de criar novas memórias. Conseqüentemente, o mesmo é incapaz de esquecer a morte de sua esposa por essa ser a última memória concreta e traumática que se coloca fortemente marcada em sua cabeça. Desse modo, sua identidade e individualidade, a partir desse momento, estarão para sempre intimamente ligadas a esse evento angustiante.

Em uma parte do filme, Teddy afirma que Leonard, após todo esse tempo obcecado em cumprir sua missão de captura do estupro de sua esposa, já não consegue mais perceber quem de fato ele é. Leonard o retruca, afirmando que “Eu sou Leonard Shelby, de São Francisco”, o que Teddy responde que ele sabia quem ele era, mas “não quem você é”. As mudanças no caráter e postura de Leonard pós acidente, a procura pelo assassino e sua vida quase nômade (sempre de motel em motel, onde as pistas mais promissoras o levavam), motivados prioritariamente pela memória do estupro e assassinato de sua mulher, moldam a individualidade e o modo de agir de Leonard a partir daquele momento. Como se curar desse evento que sempre está tão vivo em sua mente, a cada momento que abre os olhos pela manhã? As feridas se mostram como incapazes de serem cicatrizadas, estando sempre presentes em sua vida, o machucando e flagelando por toda a eternidade.

Anthony Guidance, em seu livro “Modernidade e Identidade” afirma que

A questão existencial de auto-identidade está mesclada com a natureza frágil que a biografia do indivíduo “fornece” de si mesmo. A identidade de uma pessoa não se encontra no comportamento nem - por mais importante que seja - nas reações dos outros, mas na capacidade de manter em andamento uma narrativa particular (grifo do autor) (GUINDANCE, 2002. p.55)

A narrativa que Leonard constrói sobre si e sobre sua “missão” constituem todos os preceitos de sua vida pós acidente, não aceitando com isso que existam contestações sobre tal fato ou sobre a validade e legalidade do que estaria fazendo. A memória constitui-se como uma parte fundamental na formação do sujeito enquanto parte de sua individualidade e de sua maneira de estar e vivenciar o mundo. Se por acaso “ perdemos nossa orientação no tempo ou perdermos a memória, (...) nos desorientamos e passamos a enfrentar graves problemas de identidade. Deixamos de ser nós mesmos e nos confundimos.” (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2010, , p. 50).

Questões que envolvem a memória pública e pessoal de eventos traumáticos e de discursos conflitantes, como guerras e governos autoritários, suscitam calorosos debates públicos, manifestando-se em grandes disputas que existem por trás de qual seria a verdadeira história e a verdadeira memória a ser legitimada, exposta e reproduzida em sociedade. Além disso, nos últimos anos, podemos dizer que essa instância da vida humana também assumiu grande protagonismo na pesquisa histórica, principalmente pelo fato das grandes discussões que acarretam, envolvendo direta ou indiretamente a história pública e privada. Santos nos diz que

A memória pode ser considerada um campo de conhecimento auxiliar da história, uma fonte de conhecimento. A história como uma área que se ancora na memória para constituir-se tem nos museus, nos monumentos, e nos elementos da cultura imaterial como a dança, a alimentação e a música importantes lugares de memória. É nesses espaços chamados de “lugares de memória” que cada indivíduo pode compreender o passado e significar o presente em que vive. (SANTOS, 2012, p. 3)

O aluno de História está em contato constante com instâncias históricas que trabalham com a temática da memória, instâncias estas que Mileide Borges Adalberto Santos aponta no próprio trecho transcrito acima. Museus e monumentos que o rodeiam pela cidade, modos de se fazer de sua família e de sua comunidade, festas culturais que de alguma forma celebram a memória de nossos antepassados seriam formas de se entrar em contato com a memória que forma não só um grupo, mas o próprio indivíduo. Nesse sentido, “compreender como um passado vivido e sobrevivido em traços, lugares, sinais, documentos e monumentos se mostram como espaços privilegiados para o entendimento do presente” (OLIVINDO, 2017, p. 8).

Compreender e ensinar os ditames que permeiam a categoria Memória se coloca como fundamental na aprendizagem de questões que transpassam o conhecimento da passagem do tempo (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2010) e de se pensar e se questionar as mudanças que ocorrem de geração em geração, assim como o que vale ser lembrado e celebrado em determinadas épocas. Questionar noções dadas sobre a(s) memórias(s) das quais está em constante contato, assim como das próprias memórias que o formam enquanto indivíduo (qual o motivo de eu ser assim e de as pessoas ao meu redor serem do jeito que são; como a vida de nossos antepassados interfere no que vivemos; o que a gente escolhe lembrar e celebrar, e o que se escolhe esquecer; entre outras questões que podem ser acarretadas no pensamento acerca da Memória e sua correlação com a disciplina

de História) se coloca como movimentos de grande relevância na construção do aprendizado histórico e suas peculiaridades, a memória e as questões que a envolvem sendo uma delas.

Sendo assim, se torna relevante que o estudante tenha a consciência de que repetidamente se encontra exposto a diversas narrativas conflitantes sobre o mundo que o cerca, percebendo a ocorrência de pontos de vista e verdades múltiplas sobre determinado assunto e como a memória, principalmente de eventos recentes, altera, ou melhor, molda as perspectivas de verdade para cada um. Alguém que teria sido torturado durante “Os anos de chumbo” e outro que possuiu melhores condições de vida durante o período, apresentam visões totalmente diferentes sobre o mesmo momento histórico. Não só isso, como também no seu próprio dia a dia, acerca de eventos que de alguma forma moldaram a individualidade sua e de sua família. Como ressalta Olivindo, "o grande desafio que se coloca para o historiador e professor de história no trabalho com a memória é percebê-la e problematizá-la em suas múltiplas dimensões, considerando seus aspectos culturais, sociais e políticos" (OLIVINDO, 2017. p. 11).

Para Huyssen, em seu clássico livro “Seduzidos pela memória” (2000), o ato de relembrar “dá forma aos nossos elos de ligação com o passado, e os modos de rememorar nos definem no presente” (HUYSSSEN, 2000, p. 67). Huyssen ainda afirma que o nosso presente influencia fortemente como lembramos e o que lembramos do nosso passado. (HUYSSSEN, 2000, p.69). O discurso de Leonard sobre si, baseado fortemente em suas últimas memórias dos últimos suspiros de sua esposa, é a sua verdade incontestável, que o leva a conduzir toda sua vida. A memória se mostra aqui como um elemento central na compreensão de todas suas ações e pensamentos. Na vida real, a memória pode influenciar na vida pessoal tanto quanto moldou a personalidade de Leonard, delineando sua maneira de ver o mundo e a História.

2.2 Tempo

Como já dissemos, o filme em si é todo construído de uma maneira distinta da convencional: ele não nos é apresentado de maneira linear e com uma montagem que busca simplificar ao espectador a trama que o filme busca retratar. Como já levemente exposto anteriormente, toda a construção do filme pode ser dividida em duas partes: a linear, em preto e branco, e a colorida, onde as cenas acontecem “em ordem reversa”. Ambos os tipos de cena se mesclam no decorrer do filme, o que faz com que o início, o meio e o fim se intercalem na sua montagem, cabendo ao espectador a atenção com que a narrativa se propõe a contar. Podemos dizer que todo esse filme apresentado de forma “fragmentada”, com partes que não se encaixam linearmente com a seguinte, nos dá a sensação de estarmos na mesma situação que Leonard, que vive “em pedaços”, fortemente desorientado, assim como o espectador, ao assistir o filme.

O diretor brinca com o espectador acostumado com a linearidade. Para David Caldevilla Dominguez, *Amnésia* (2000) quebra a linearidade da narrativa “basada en la definición aristotélica de tiempo secuencial “el número de movimientos respecto al antes y después, y su continuo” (Aristóteles, hacia 310 a.d.c) a la que tradicionalmente la séptima arte se aferra” (DOMINGUEZ, 2012, p. 179).

Como somos acostumados a considerar o tempo como algo simples e linear, “Amnésia” causa no mínimo uma estranheza. Questionar essa estranheza perante o filme e sua montagem é um ponto chave na desconstrução da categoria tempo na mente do aluno, assim como da discussão de sua complexidade, já que o mesmo se encontra amplamente presente no dia a dia do aluno.

El tiempo es un concepto de gran complejidad y sólo lo podemos comprender desde una mirada amplia y transdisciplinar. El tiempo está presente en nuestra vida, una vida organizada alrededor del reloj, los horarios y el calendario. El tiempo está presente en nuestro lenguaje y nuestras actividades: esperamos, desesperamos, hacemos tiempo, perdemos, recortamos, alargamos el tiempo, damos o nos toman tiempo. El tiempo pasa rápido y lento, se acelera o, incluso, ¿ se detiene? El tiempo es historia, la nuestra y la de todas las personas, es pasado colectivo, es interrelación de pasado, presente y futuro (BLANCH, FERNÁNDEZ, 2010, p. 282)

O tempo é um conceito muito mais complexo e múltiplo do que sua face de interpretação linear e que atualmente é sentido pela maioria das pessoas, em uma espécie de velocidade acelerada, onde o passado se afasta, o presente se alonga e ao mesmo tempo vira

passado mais rapidamente. Outras formas de se senti-lo, encará-lo e interpretá-lo (circular, ao contrário – futuro, presente, passado –, oval, em picos) também são passíveis de serem utilizados no nosso dia a dia, assim como em outras sociedades e em outros tempos históricos. Viver sem internet, eletricidade e celular, objetos tão comuns em nossa sociedade, realmente não era um problema para aqueles que nem imaginavam que isso um dia poderia existir. Sendo assim, viviam de acordo com que seu tempo e sua condição permitiam, o tempo assim sendo sentido de maneira mais lenta e menos imediatista do que hoje em dia.

Schmidt afirma que “para reconstruir o passado, o historiador manipula as características essenciais do tempo: a sucessão, a duração, e simultaneidade” (SCHMIDT, 2008, p. 61). O tempo talvez seja para a História como os números se apresentam para a Matemática e as palavras para o Português: está na gênese de toda sua formação. Além da compreensão de aspectos da História como ciência, a compreensão do conceito de Tempo também pode ajudar o aluno a compreender melhor a passagem da História como um todo, já que categorias como mudança e continuidade são essenciais para se compreender um determinado momento histórico, como ele se conecta com outros e com o nosso dia a dia.

A história debruça-se sobre as marcas deixadas pelos homens, nesse sentido, o uso da categoria tempo tem papel fundamental na construção de um conhecimento histórico a fim de que os alunos entendam como ao longo dessa viagem humana, as várias sociedades organizam diversas formas de marcar a passagem do tempo, por vezes de forma cronológica, mas também como marca subjetiva, como a memória, para que se coloquem como sujeitos de sua vivência. Outro fator que devemos considerar no estado do tempo é a própria dificuldade em conceituá-lo, pois pensá-lo exige alto grau de abstração. (SANTOS, CAINELLI, 2019, p. 12)

Apesar disso, ainda é possível de se constatar grandes dificuldades ou a falta de habilidades por parte da maioria dos alunos perante a utilização e compreensão de conceitos fundamentais na produção e estudo da História: tempo, memória, fonte, comparação, ponto de vista, mudança e continuidade, por exemplo, são conceitos, em muitos casos, abstratos e de difícil assimilação pelo aluno (SCHMIDT & URBAN, 2016; ALVES, 2011) ou ainda considerados de pouca importância e relevância por parte de diversas instituições, avaliações de larga escala, sistemas de ensino, professores e responsáveis, por mais que sejam categorias que os mesmos constantemente interagem e observam no seu dia a dia, como a de simultaneidade (escutar música enquanto estuda) a de comparação (cotejar duas camisas e por fim escolher qual seria a mais bonita) de continuidade (quando eu cresço e continuo gostando de ler livros, mesmo estando alguns anos mais velho em comparação a quando o

interesse começou a se desenvolver) e de ponto de vista (depoimentos distintos em alguma série ou notícia de jornal sobre um mesmo fato).

Com o tempo centrado na sensação do presente contínuo, sensação essa que se expressa na nossa maneira de se experimentar o tempo na contemporaneidade, o passado distante se apresenta como nebuloso e de difícil compreensão: como se compreender e entender o vago de 500 anos atrás no que se refere à divulgação de algum acontecimento (a demora, o veículo, quem recebia a informação) diante da imediatez do mundo atual (rapidez, a internet como veículo relativamente amplo)? Como conceber um tempo mais “lento”, regado pela natureza, comparado ao tempo galopante e marcado no relógio dos dias de hoje? Como afirma Bittencourt, estamos diante “de gerações que vivem o presentismo de forma intensa, sem perceber tenses com o passado e que possuem vagas perspectivas com relação ao futuro” (BITTENCOURT, 2008, p. 14).

Desde a segunda metade do século XX, com inovações tecnológicas pipocando a cada segundo, o novo se torna velho de um dia para o outro. A longa duração, método de análise histórica proposta por Braudel, com suas mudanças históricas que ocorrem a passos lentos, se mostra contrária à vida comum do estudante, marcada constantemente pela novidade. O passado foi o ontem, não há cinquenta anos atrás (tempo considerado pequeno por uma perspectiva relacionada a História da Humanidade, ou seja, uma História recente). Como destaca Miranda:

A ideia de *mudança*, muitas vezes óbvia para o professor ou para o adulto é, talvez, aquilo que diz respeito ao mais inacessível e abstrato para o estudante, considerando-se sua experiência social num tempo presente, no qual todos os elementos, objetos e práticas sociais já lhe são dados *a priori*. É, muitas vezes, inimaginável, tanto para a criança quanto para um jovem, por exemplo, não propriamente compreender o fato de que não existia o Google, o celular ou o WhatsApp no tempo da infância das mães ou avós, mas especialmente trabalhar com a plausibilidade envolvida na idéia de que outros modos comunicativos eram possíveis em virtude da existência de outras sociabilidades e de que a vida não se organizava com base nesse sentido de urgência (MIRANDA, 2013, p. 40).

Para o aluno, muitas vezes a assimilação e criação de uma empatia histórica, ou seja, a compreensão de que épocas distintas e comunidades distintas podem carregar pensamentos distintos ou até totalmente contrários ao pensamento da sociedade ocidental pós-moderna, no qual ele vive, é de grande complexidade. Um exemplo disso é a facilidade de se encarar a democracia ateniense antiga como contraditória e incompleta, devido à sua exclusão completa da participação de mulheres e estrangeiros no processo político. Contudo, podemos

dizer que essa visão é altamente influenciada pela visão e vivência da democracia moderna, que coloca como essencial para sua realização a participação de todos e todas, sem nenhum tipo de discriminação social, de gênero, cor ou origem.

É importante que o aluno consiga desenvolver a noção de que, ao estudar história, o mesmo estará em contato com momentos distintos, que também possuem visões diferentes sobre a vida e o mundo, inclusive também sobre o próprio Tempo. Como afirma Elias, “em certas épocas, os homens utilizavam a noção de ‘sono’ quando hoje falaríamos de ‘noite’, a de ‘lua’, quando falaríamos de ‘mês’, e a de ‘ceifa’ e ‘colheita’ quando falaríamos de ‘ano’ (ELIAS, 1998, p. 35). Compreender o outro, sua maneira de viver e de encarar o mundo; compreender como seu pensamento se insere no seu tempo histórico / lugar e como suas respostas se encaixam com as perguntas necessárias naquele contexto, por exemplo, auxilia na compreensão de anacronismos, do diferente, da construção do seu mundo (que não se apresenta em outras épocas da mesma maneira que se apresenta para o estudante). Além disso, se coloca como essencial que se trabalhe questões referentes ao Tempo, assim como os conceitos históricos frequentemente utilizados em sala de aula no Ensino de História, como duração, simultaneidade, dentre outros, para uma melhor compreensão não só do seu cotidiano mas também da própria História.

2.3 Fontes

No filme, Leonard guia grande parte das suas ações por anotações ou tatuagens que possui por todo seu corpo. São partes de informações que em conjunto formam basicamente tudo que o mesmo conhece acerca do assassino, algumas de suas memórias após o acidente e pessoas importantes que conheceu, para que não se esqueça de imediato das mesmas. Vemos o personagem constantemente recorrendo a esses artifícios durante toda sua jornada, o guiando constantemente. Ele confia nos mesmos de maneira quase cega: segundo o personagem, a memória é extremamente falha (ainda mais em seu caso), mas não tudo que marca em seu corpo ou escreve em suas anotações. É por causa deles que Leonard, contudo, comete diversos “erros” de julgamento durante a trama. Sua confiança extrema em suas anotações faz com que o mesmo não questione a si mesmo sobre a real credibilidade de tudo que possui.

A personagem da Natalie altera por diversas vezes ou utiliza as informações ao seu favor para que Leonard se vingue por ela da morte de seu namorado e parceiro traficante, ocasionada pelo próprio Leonard, só que manipulado por Teddy, fazendo-o acreditar que o mesmo seria o assassino de sua esposa. A morte de Teddy no início da trama (Natalie associa o número do carro de Teddy com o número da placa que Leonard possui tatuado em seu corpo, assim como o seu nome verdadeiro, que seria John Edward Gammell, com outra possível prova tatuada no corpo de Leonard sobre o nome do suspeito, sendo ele John G. ou James G.), então nos é explicada, sendo causada pela manipulação que Natalie fez sobre as “provas” de Leonard. Contudo, também é explícito no filme que Teddy também se utilizava de Leonard e suas anotações para que o mesmo realizasse tarefas relacionadas ao assassinato de criminosos. É revelado ao espectador que Teddy fora um dos únicos policiais que acreditava na história de Leonard acerca da presença de dois assassinos na cena do crime, e não somente um, como havia sido concluído formalmente. O mesmo então teria se dedicado a ajudar Leonard a achar o outro homem responsável. Por muito tempo ambos procuraram o suspeito, tendo-o por fim, segundo Teddy, o matado. Para ele, devido ao impacto da situação, Leonard, com toda certeza, lembraria de tal fato e poderia enfim seguir em frente com sua vida. Contudo, para surpresa de Teddy, Leonard não conseguiu se lembrar do ocorrido e continuou numa busca sem fim pelo assassino.

Ambos os casos mostram como Leonard era facilmente manipulado pelas suas tão confiáveis “fontes”. O questionamento das fontes, com as perguntas básicas de quem a produziu, o motivo, quando, onde, o objetivo e a informação que a mesma busca trazer em

seu suporte, é o básico do trabalho do historiador. Como já foi explanado e explicado por diversas vezes pelos próprios historiadores, a fonte não consegue nos comunicar alguma mensagem ou conhecimento por si só. É necessário que sempre a trate com desconfiança e a inquiria continuamente.

Importante e essencial característica da pesquisa, é por meio das fontes que se construiu grande parte da ciência histórica. É graças às fontes do passado que podemos vislumbrar um pouco acerca de vários povos e sociedades que viveram e talvez até desapareceram, deixando somente vestígios sobre seus modos de vida e de encarar o mundo. Contudo, é importante lembrar que as mesmas foram fabricadas em sua maioria por seres humanos, o que faz com estejam completamente permeadas das formas de pensar, agir, sentir e se comunicar de sua época. Desse modo, podemos dizer que a fonte possui riquíssimas possibilidades de trabalho e entendimento sobre ela e o passado que ele busca “retratar”.

É importante que a História não seja para os estudantes uma verdade acabada ou uma série de datas e valores que se deve aprender pela memorização. É imprescindível que a História seja trabalhada nas aulas incorporando toda a sua coerência interna e oferecendo as chaves para o acesso a sua estrutura como conhecimento científico do passado. (PRATS, 2006. p. 10)

Joaquim Prats (2006) busca dizer que é essencial que se coloque o aluno em contato com as formas de se fazer a História (História encarada aqui como “conhecimento científico do passado”) como um dos pilares na educação histórica, assim como diversos outros autores que trabalham História e Educação também colocam como primordial. A utilização e questionamento das fontes colocam-se como um dos procedimentos dos historiadores na construção da História, essencial inclusive para que haja a escrita da História.

A utilização de fontes em sala de aula como alavancadoras de conhecimento histórico e sobre a História em si também se coloca como uma alternativa para a aquisição do conhecimento histórico. É por meio da utilização de fontes que os alunos podem, assim como um historiador, construir e debater acerca do conhecimento que está edificando juntamente com seu professor.

É importante pensar e ensinar aos alunos que qualquer coisa pode ser passível de virar uma fonte acerca de uma determinada sociedade ou tempo histórico e que, também, ao produzir conhecimento sobre o passado, os historiadores lidam com as fontes disponíveis sobre o período, o que pode acarretar na falta ou pouco estudo acerca de povos, estratos sociais e modos de agir e pensar de determinadas épocas. Além da ação do tempo, muitos

objetos não chegaram aos nossos dias devido ao fato de que, para aqueles que se utilizavam dele, não achassem que fosse útil a guarda ou preservação, assim como o registro de algum pensamento específico ou modo de viver no mundo. Pode-se, então, realizar analogias com a própria vivência do aluno, já que também “guardamos aquilo que para nós produz algum sentido, e descartamos aquilo que não tem tanta importância, ou em alguns casos, nos faz mal lembrar.” (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2010, p. 80)

O celular, por exemplo, dispositivo tão presente e banal na vida dos estudantes de hoje, serve para entender a nossa sociedade e o nosso modo de viver. O mesmo é suscetível de ser questionado acerca de seus usos e abusos, não só pelos próprios alunos, mas também possivelmente por historiadores no futuro quando olharem e analisarem nosso tempo. Isso é claro, se o mesmo sobreviver à ação do tempo ou que alguém ache passível de ser guardado, o que não é comum na sociedade extremamente descartável na qual vivemos.

Fazer esse exercício de observar o seu dia a dia e notar nele coisas que são passíveis de questionamento, assim como as próprias fontes, faz com que ocorra a desnaturalização do mundo. Perceber as peculiaridades que formam nossa sociedade, questionar seus objetos, pensamentos e verdades consolidadas e normalizadas pelo aluno no seu cotidiano. Sendo assim, pensar sobre si mesmo e seu próprio mundo, e como esse mundo se encaixa em questões relacionadas ao processo histórico, sua construção, suas especificidades e semelhanças com outros tempos históricos, por exemplo, são possibilitados pela utilização e questionamento histórico das fontes que acabam por nos apresentar a nossa humanidade, pois “qualquer vestígio humano pode ser problematizado enquanto fonte e, portanto, revelador de transformações e ações no tempo” (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2010,, p.11)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da História no nosso dia a dia, assim como sua capilaridade na sociedade, além da relação que detêm com temáticas cotidianas na nossa contemporaneidade, nos mostra com a disciplina escolar se coloca como de grande importância na formação do estudante. Ataques à disciplina e aos profissionais que trabalham com a área de História têm sido frequentes no tempo em que vivemos. Algumas das críticas também envolvem a sua suposta não importância num mundo onde as tecnologias e as ciências ditas brutas são as mais valorizadas. Contudo, podemos perceber que sim, a História impacta nossas vidas e está presente em vários aspectos do nosso cotidiano, aspectos esses que nem mesmo percebemos como essenciais ao nos colocarmos no mundo. Esse trabalho buscou relacionar esses aspectos importantes com o ensino e aprendizado da História em sala de aula. Demonstrar como essas questões estão interligadas é essencial para o estudo da História e a compreensão de sua relevância.

A História é uma disciplina extremamente dinâmica e possui capilaridade em diversas instâncias da vida. Colocar a mesma somente como algo que está estritamente relacionado com o conhecimento acerca do passado acaba por enfraquecer e tirar todas as outras possibilidades de trabalho que a disciplina possui. O importante é constantemente relacionar esse passado com instâncias da vida presente do aluno, assim como demonstrar como a História e seu aprendizado são importantes para cada um de nós. Ao buscar trabalhar as categorias de Tempo, Memória e Fonte, categorias tão caras à História, o objetivo era de que se pontuasse que as mesmas possuem também grande importância no nosso dia a dia.

A escolha e utilização do filme se dá por duas razões: além de ser uma mídia extremamente presente na vida dos adolescentes, a escolha desse filme em específico busca demonstrar a ideia de que podemos encontrar História em todas as coisas. Cabe agora ao professor descobrir como ele pode extrair essa premissa de coisas cotidianas do aluno e relacioná-las com a disciplina em sala de aula. Além disso, se pensou também no filme como uma ferramenta que possibilita a construção de conhecimento e não somente parte de uma ilustração acerca do passado.

Sendo assim, podemos constatar que a memória é essencial enquanto formadora do indivíduo: ele molda grande parte de sua personalidade, suas expectativas de vida, seus modos de agir, pensar e até mesmo de enxergar o mundo; o Tempo, os modos de senti-lo,

vivenciá-lo, se utilizar do mesmo; a importância dos objetos e dos modos de viver e pensar como essenciais na formação não só de nós mesmos como de nossa sociedade, sociedade esta que detém sua razão de existir em um determinado tempo histórico. Buscar que o aluno compreenda melhor todas essas instâncias de sua vida, ao mesmo tempo e que elas também estão presentes durante todo o processo de aprendizagem da História, foi o objetivo deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ronaldo Cardoso. **Aprender História com sentido para a vida: consciência histórica em estudantes brasileiros e portugueses.** 2011. 322 p. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

AQUINO, Edineide Dias de. **Cinema em foco: uma abordagem cinematográfica/historiográfica no ensino de história.** Disponível em: http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2005%20-%20Edineide%20Dias%20de%20Aquino%20TC.PDF. Acesso em: 1 fev. 2019.

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico em sala de aula.** 11^a. ed. 1^a Reimpressão: Editora Contexto, 2008. 176 p.

BLANCH, Joan Pagès; FERNÁNDEZ, Antoni Santisteban. **La enseñanza y el aprendizaje del tiempo histórico en la educación primaria.** *Cadernos Cedes*, v. 30, n. 4, p. 281-309, set.-dez. 2010.

BLOCH, March. **Apologia da História: ou Ofício do Historiador.** Jorge Zahar Editora LTDA, 2002. 159 p.

BRAGUES, George. **'Memory and Morals in Memento: Hume at the Movies'.** *Film-Philosophy*, vol. 12, no. 2: p. 62-82, Set/2008. Disponível em: <http://www.film-philosophy.com/2008v12n2/bragues.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2019.

DOMÍNGUEZ, David Caldevilla. **El relato corto em el cine. Literatura em 3-D: 'Memento' de Christopher Nolan (2000): Las adaptaciones literarias en la gran pantalla: una cuestión de lenguajes.** *ICONO14 - REVISTA DE COMUNICACIÓN Y TECNOLOGÍAS EMERGENTES*, [S.l.], v. 10, n. 02, p. 168-195, jul. 2012.

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo.** Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editora, 1998. 164 p.

FRIEDEMANN, Marcos Roberto. **Ensino de História: o cinema como ferramenta didático-pedagógica.** *Semana Acadêmica - Revista Científica*, ano 2013, v. 1.

GUIDANCE, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editora, 2002. 234 p.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: Arquitetura, Monumentos, Mídia**. 2ª. ed: Aeroplano Editora, 2000. 120 p.

JUIZ DE FORA. PREFEITURA MUNICIPAL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Proposta Curricular de História para a rede pública de ensino**, 2012. Disponível em: https://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/se/escolas_municipais/curriculos/arquivos/miolo_historia.pdf. Acesso em: 02 fev. 2019.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. 2ª. ed. [S.l.]: Editora Brasiliense, 2011. 304 p.

MATOS, Júlia Silveira. **A construção do conceito de Tempo em sala de aula: análises sobre as experiências de professores de História da rede municipal e estadual de ensino de Brasilândia/MS na perspectiva da educação histórica**. *Revista do PPGEA/FURG-RS - Edição especial XIX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire*, p. 212-224, jun. 2017.

MIRANDA, Sônia Regina. **Temporalidades e cotidiano escolar em redes de significações: desafios didáticos na tarefa de educar para a compreensão do tempo**. *Revista História Hoje*, v. 2, n. 4, p. 35-79, 2013.

OLIVINDO, Mário Sérgio Pereira de. **Ensino de História e Memória: usos do passado e os desafios do historiador e professor**. *XXIX Simpósio de História Nacional - Contra os preconceitos: História e Democracia*. p. 1-14. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502847512_ARQUIVO_ENSINODEHISTORIAEMEMORIASIMPOSIOe.pdf. Acesso em: 5 fev. 2019

SANTOS, Anilton Diogo dos; CAINELLI, Marlene Rosa. **A construção do conceito de Tempo em sala de aula: análises sobre as experiências de professores de História da rede municipal e estadual de ensino de Brasilândia/MS na perspectiva da educação histórica**. *Colloquium Humanarum*, Presidente Prudente, v. 14, n. 1, p.07-13 jan/mar 2017.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; URBAN, Ana Claudia. **Aprendizagem e formação da consciência histórica: possibilidades de pesquisa em Educação Histórica.** *Educar em Revista*, Curitiba, n. 60, p. 17-42, abr/mai. 2016.

SOUZA, Éder Cristiano de. **O que o cinema pode ensinar sobre História?: ideias de jovens alunos sobre a relação entre filmes e aprendizagem histórica.** *História & Ensino*, Londrina, v. 16, n. 1, p. 25-39, 2010.

PRATS, Joaquim. **Ensinar História no contexto das Ciências Sociais: princípios básicos.** *Educação em Revista*, p. 1-20, 2005.

SANTOS, Mileide Borges Adalberto. **Memória e o Ensino de História**, São Cristóvão, SE, 2012. *VI Colóquio Internacional - Educação e Contemporaneidade*.

SOUZA, Éder Cristiano de. **Cinema e educação histórica: jovens e suas relações com a história em filmes.** 2014. 358 p. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SOUZA, Polyana Jessica do Carmo; SOARES, Valmir Guimarães. **Cinema e Ensino de História.** In: *XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 2013, Natal, RN. Anais [...]. s. n., 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371330125_ARQUIVO_polyanaartigofinal1.pdf. Acesso em: 1 mar. 2019